A. QUINTANILHA

A UNIVERSIDADE LIVRE DE COIMBRA

DISCURSO PRONUNCIADO NA SUA SESSÃO INAUGURAL

COIMBRA
EDIÇÃO DA UNIVERSIDADE LIVRE
1925

BMBM

A. QUINTANILHA

A UNIVERSIDADE LIVRE DE COIMBRA

DISCURSO PRONUNCIADO NA SUA SESSÃO INAUGURAL

COIMBRA
EDIÇÃO DA UNIVERSIDADE LIVRE
1925

A seu primo Monteiro
de Barros, poeta insigne
e botânico eminente,
com um abraço de mui
ta simpatia

[illegible]

Maio - 925 -

Casa Tip. Alves & Mourão — Coimbra

No dia 5 de Fevereiro de 1925 realizou-se a sessão inaugural da Universidade Livre, no salão nobre dos Paços do Concelho, sob a presidência do ilustre professor, que também foi o fundador do primeiro instituto de educação popular em Coimbra, sr. dr. Bernardino Machado, secretariado pelos srs.: dr. Costa Mota, vereador da Câmara Municipal; Joaquim Domingues, governador civil; José Constantino, delegado do Comité de Propaganda Confederal, de Coimbra; e dr. Manuel Fernandes Costa, vice-reitor da Universidade.

Aberta a sessão em nome da Universidade Livre pelo sr. dr. Joaquim de Carvalho e depois dêle e do sr. presidente terem produzido dois pequenos mas brilhantes discursos, deu o sr. dr. Bernardino Machado sucessivamente a

palavra aos srs.: dr. Aurélio Quintanilha, orador oficial da U. L.; Mário de Castro, representante da Universidade Popular Portuguesa, de Lisboa; Almeida Costa, representante da Associação de Professores de Portugal e da União dos Professores Primários; Joaquim Domingues, governador civil; João de Deus Cunha, representante da Universidade Livre de Lisboa.

Dos discursos pronunciados, publica-se o do representante da Universidade Livre, onde se encontram admiràvelmente delineados e expostos os objectivos dêste estabelecimento de cultura e educação populares.

A assistência, muito numerosa, aclamou com entusiasmo a Universidade Livre.

O Conselho Administrativo

SR. PRESIDENTE
MEUS SENHORES
MINHAS SENHORAS:

Afirmar que o nosso povo, inculto e deseducado, carece de uma cuidada educação que venha a integrá-lo nas ideas e costumes do século, é, na verdade, afirmação tão repetida, idea tão velha e sediça, que vos parecerá estranho, talvez, que venham repetí-la espíritos moços que buscam, por novas veredas, horizontes mais largos. E, todavia, nunca a necessidade de cuidar a sério dêste problema fundamental foi, como agora, tão imperiosa.

Parai um pouco no meio da tarefa absorvente de todos os dias e olhai por cima dêsse mar de cabeças que à vossa volta formiga e tumultua. ¿E' porventura possível continuar assistindo de cabeça baixa e braços cruzados, numa passividade desonesta, numa indiferença criminosa, ao desencadear furioso das paixões, à luta de classes, encarniçada e

cruel, que se anuncia no horizonte por uma aurora de fogo e de sangue?

Não venho discutir, que não é aqui o lugar próprio, as ideas que norteiam os homens, as aspirações que dirigem as classes, as ambições que guiam os bandos à escalada. Cumpre-me apenas constatar os acontecimentos que em volta se vão desenrolando, expô-los na sua descaroável nudez e mostrar as lamentáveis conseqüências que *para todos* podem advir desta atitude de isolamento egoísta, preconceituoso e sobretudo ininteligente que até agora nós, os intelectuais, por via de regra temos adoptado.

Como conseqüência, ao que parece necessária, da organização social contemporânea atravessamos um período da história da humanidade essencialmente caracterizado por êste facto que a todos sobreleva — a luta das classes. Face a face se estão dispondo por tôda a parte as duas hostes inimigas, aprestando-se para uma grande batalha que muitos pretendem próxima. De um lado

o exército operário, com os seus sindicatos, uniões e federações, poderosíssima organização de guerra, pela fôrça numérica, cada dia maior, dos elementos que a compõem, pela coesão das suas fileiras, pela convicção da justiça que lhes assiste, pela tenacidade e dedicação dos seus orientadores, pela fé que os anima. Do outro o comércio, a indústria, a agricultura — os possuïdores da terra, dos instrumentos de trabalho e circulação dos valores — que, cada vez mais ameaçados nos seus direitos e prerogativas seculares, se aprestam para a defesa contra o exército assaltante e se organizam sindicalmente, à maneira das hostes adversas, para aumentar a coesão de suas fileiras, e oferecer ao inimigo um bloco homogéneo, disciplinado e forte.

A situação torna-se dia a dia mais grave, porquanto os trabalhadores manuais organizados teem declarado publicamente que não pretendem apenas conquistar, dentro da estructura social em que vivemos, uma maior soma de bem estar e mais regalias de ordem espiritual. Mas sim, sob o ponto de vista eco-

nómico, e acima destas «*reformas de superfície*», como êles dizem, mais aparentes do que reais, a posse colectiva das terras, dos instrumentos de produção e dos meios de transporte, a que se julgam com direito. Politicamente ou aspiram à conquista do Estado para o exercício do poder por intermédio de uma ditadura do proletariado, à maneira marxista, ou ambicionam a pulverização do princípio da autoridade, a descentralização administrativa levada o mais longe possível e uma reorganização social assente no sindicato como célula económica e política. Em qualquer dos casos, meus senhores, espoliação pura e simples das actuais classes dominantes quer sob o ponto de vista político, quer económico.

Quanto aos intelectuais, êsses, oriundos, por via de regra, das classes dominantes, educados em escolas pràticamente fechadas aos filhos do operariado, tendo de exercer a sua actividade nas chamadas *esferas superiores* da sociedade, formam corpo com as classes dominantes, vivem espiritualmente longe dos tra-

balhadores manuais e são por estes considerados, as mais das vezes, como inimigos.

E' sôbre êste divórcio, esta separação espiritual das classes e as suas inevitáveis conseqüências que pretendo chamar a vossa atenção.

A luta de classes de que vos falei é um facto social tão generalizado, tão independente da psicologia, da cultura, do estado de adiantamento das diferentes comunidades que bem a podemos considerar como inerente à própria estrutura social dos povos de civilização europeizada. O que pode é revestir modalidades diferentes quanto à táctica e apresentar-se, de povo para povo, sob os mais diversos graus de violência.

Não considero por isso viável a tarefa de expurgar a luta de classes da face da terra, emquanto persistirem os factores económicos que a determinam. Mas julgo perfeitamente possível influir no carácter dessa lucta, diminuindo-lhe as asperezas, as violências, as crueldades. O estado de divórcio em que até hoje

temos vivido para com o operariado gera a desconfiança e a desconfiança gera o ódio. O ódio sim, ódio de classes, que pode ter tido a sua origem no antagonismo dos interêsses, mas que diàriamente se exacerba, pelo afastamento em que vivemos, e na razão directa da violência dos nossos choques.

Olhai o que se passa na Itália e na Espanha — países irmãos do nosso, ou pela evolução das suas instituïções políticas e religiosas, ou por afinidades étnicas, ou por analogias psicológicas, ou de temperamento, ou de cultura. Ponderai o aspecto terrorista de certos *bouleversements* que ultimamente teem manchado a nossa vida política e dizei-me, senhores, se não é tempo, de intervir, sensata e inteligentemente, a fazer em larga escala a sementeira da tolerância e do respeito mútuo.

Vejo passar — como vós certamente — diante de meus olhos alucinados pelo terror, essa noite caliginosa e lúgubre do 19 de Outubro, em que bandos de feras, dementadas pelo ódio, andaram pela cidade arrancando suas vítimas aos

braços contorcidos de dor e de revolta das espôsas e dos filhinhos, para lhes dilacerarem os corpos indefesos com requintes de ferocidade que esqueceram a Mirbeau na sua macabra evocação do « Jardim dos Suplícios ».

Pois da sementeira do ódio, êsse filho incestuoso e vesgo do fanatismo e da intolerância, acreditai, senhores, só pode germinar a árvore do mal. A planta daninha, enraïzada e crescida neste ambiente de indiferença e de atonia, projecta sôbre nossas cabeças a mórbida sombra de sua folhagem. Olhai que por entre as fôlhas, começam espreitando os primeiros frutos — a violência como sistema, o atentado político como processo normal. É tempo de intervir — senhores! — contra êsse espírito ruim de intolerância que alastra em todos os arraiais, desde os monárquicos aos sindicalistas, e prospera igualmente viçoso no cérebro dos crentes, dos livre-pensadores e dos ateus.

O grupo de homens que lançou em Coímbra a iniciativa da fundação de uma Universidade Livre propõe-se, como

um dos objectivos mais importantes da sua tarefa, realizar uma obra de aproximação espiritual entre as facções em que se encontra dividida a sociedade portuguesa, no sentido de combater o fanatismo e o espírito de intolerância. Trazer ao convívio uns dos outros os que vivem afastados e se desconhecem, para que possam compenetrar-se da sinceridade mútua de suas crenças, para que aprendam a duvidar da segurança interior com que cada fanático julga possuir a verdade completa, para que saibam respeitar as alheias opiniões e não procurem impôr violentamente as suas, senão fazê-las aceitar pelos meios suasórios e superiormente humanos do entendimento. E, já que não é possível evitar que as classes, movidas por interêsses antagónicos, se degladiem, procuremos, nós, os intelectuais, cumprir a missão social para que estamos naturalmente destinados. Intelectualizemos estas pugnas; arranquêmo-las, tanto quanto pudermos, do terreno de violência da Rua, da Trincheira, da Barricada, para as campinas ridentes, floridas, belíssimas do pensamento.

Estou firmemente convencido que a-pesar-dos punhos erguidos, das faces coléricas, das vozes clamorosas que de todos os cantos da terra se erguem a pedir vingança, em todos os campos havemos de encontrar espíritos sensatos e corações generosos que nos receberão de braços abertos. *Em todos os campos*, até mesmo naqueles aonde muitos dos que me escutam supõem talvez que só pode germinar a herva ruim do ódio.

Concedei, senhores, que vos apresente uma prova brilhantíssima desta minha asserção. Para isso permiti que abuse por um momento mais da atenciosa deferência com que me tendes escutado e que vos leia alguns períodos de um artigo notável de Malatesta — o conhecido revolucionário italiano — há poucas semanas transcrito em *A Batalha*, com manifesto aplauso e concordância da redacção, e, certamente, como comentário bem evidente a essa sucessão de atentados pessoais com que uma plêiade de moços — sinceros nas suas crenças, mas perigosamente fanáticos e imbuidos de um mórbido espírito de misticismo

revolucionário — veem ensagüentando a nossa história política:

« Alguns — Malatesta refere-se aos anarquistas, seus camaradas — que com razão negam aos juízes burgueses o direito de aplicar uma hora que seja de cadeia, fazem-se árbitros da vida e da morte dos outros e chegam a dizer que *se tem o direito de matar quem não pense como nós!* Parece incrível e muitos não quererão acreditar. E no entanto, há tempos todos podiam ler num jornal « anarquista » palavras como estas: « Em Barcelona estalou uma bomba numa procissão religiosa, deixando no solo 40 mortos e não sabemos quantos feridos. A polícia prendeu mais de 90 anarquistas com a esperança de deitar a mão ao heróico autor do atentado ». Nenhuma razão de luta, nenhuma: nada; ¡é heróico matar mulheres, crianças, homens inermes, porque eram católicos! Isto é pior do que a vingança, é o furor doentio do místico sanguinário, é o holocausto sangrento nas aras dum deus... ou duma idea, o que afinal dá na mesma. Oh Torquemada! oh Robespierre!

« Apresso-me a declarar que a grande maioria dos anarquistas espanhóis protestaram contra o acto insano. Mas há também quem se chame anarquista e louve o facto, e isto basta para que o govêrno finja misturá-los todos num feixe e o público os confunda a valer.

« Gritemo-lo com fôrça e sempre: os anarquistas não devem, não podem ser carrascos: são libertadores. Não odiamos pessoa alguma; não lutamos para nos vingar, nem para vingar os mais; queremos o amor para todos, para todos a liberdade.

« Pois que a actual fatalidade social e a obstinada resistência da burguesia obrigam os oprimidos a empregar a fôrça física como último recurso, não recuemos ante a dura necessidade e preparemo-nos para usá-la vitoriosamente. Mas não façamos vítimas inúteis, mesmo entre inimigos. O próprio fim pelo qual lutamos nos força a ser bons e humanos mesmo no meio do furor da batalha; de outro modo, não se explica como poderíamos querer lutar por um fim como o nosso, se não fôssemos

bons e humanos. E não nos esqueçamos de que uma revolução libertadora não pode saír do extermínio e do terror, que foram e serão sempre geradores de tirania. »

Não vos saberia dizer, ainda que o pretendesse, a imensa alegria que ao meu espírito trouxe a leitura destas nobilíssimas palavras. A sua transcrição nas colunas de *A Batalha* tem um alto significado, moral e político. Considero-as como a condenação formal e categórica, por parte dos mentores do operariado português, da táctica terrorista, da odienta e antipática vindicta social. Explêndido sintoma, admirável exemplo êste, meus senhores, de vermos aparecer, no mais acêso da peleja, um combatente denodado e um chefe prestigioso a erguer um protesto cheio de dignidade contra as violências e crueldades dos seus próprios irmãos de armas.

Estou, por isso, firmemente convencido que a sensata e oportuna intervenção da Universidade Livre de Coimbra há de ser recebida com aplauso em todos

os campos; e a bandeira branca da tolerância que hoje vimos desfraldar no arraial turbulento e confuso da nossa vida política há de congregar dentro em pouco à sua volta as boas vontades, as honestas intenções agora dispersas por todos os acampamentos.

*

Independentemente dêstes objectivos morais e sociais pretende a Universidade Livre realizar uma obra importante de educação popular.

A escola não basta como fonte de cultura, mesmo nos países onde são outros os seus ideais educativos e mui diversos os seus métodos de trabalho.

Por tôda a parte se sente a necessidade de uma educação complementar, extra-escolar e post-escolar.

Na Alemanha e na Suíça, na Inglaterra e na América do Norte, são as Universidades que tomam sôbre os seus ombros os encargos dessa benemérita tarefa, mobilizando os seus recursos em homens e em material didáctico e scien-

tífico, para os pôr ao serviço da nação. Esta obra de extensão universitária consideram-na as Universidades anglo-saxónias como fazendo parte integrante da sua missão social e a ela se dedicam com entusiasmo e persistência. E se, por um lado, ela contribui poderosamente para o alargamento em superfície e em profundidade da obra civilizadora das *élites* do pensamento, desvendando ao espírito das multidões horizontes cada vez mais largos, criando-lhes necessidades de ordem material e moral, inéditas aspirações de beleza, por outro lado prestigia as próprias Universidades e os seus professores aos olhos da grande massa da nação, tornando os mestres conhecidos e amados do povo, veneráveis e dignas de tôda a simpatia as instituïções onde trabalham. E' esta uma das razões principais da admirável situação de que disfrutam hoje as Universidades anglo-saxónias. O grande público conhece a sua actividade scientífica, compreende a utilidade social do seu esfôrço e sabe que tôdas as aplicações práticas da sciência, índice do progresso e do bem-estar co-

lectivo de um povo, foram precedidas de laboriosas e demoradas pesquisas de laboratório, aparentemente sem nenhum interêsse prático. Daí a atmosfera de respeito e carinhosa simpatia que se nota em tôrno dessas Universidades e que explica em grande parte a generosidade e munificência com que os particulares concorrem para a dotação de seus serviços.

Entre nós, infelizmente, e, de um modo geral, nos países latinos, a missão das Universidades é considerada em sentido mais restricto. Não curamos da educação moral e social, nem da educação artística, nem da educação física das nossas populações académicas. Limitamo-nos à sua educação intelectual, à preparação para o exercício das profissões. Quanto à educação popular nenhuma iniciativa ainda, que eu saiba, partiu das próprias Universidades. Estas nem sequer teem sabido aproveitar-se das tentativas de particulares nêsse sentido para realizarem uma obra metódica de extensão universitária que havia de contribuir — e poderosamente — para lhes dar

junto do povo aquele prestígio, aquela carinhosa simpatia, indispensáveis ao exercício da sua alta missão social. Vivem assim as nossas Universidades isoladas da vida da Nação. Os estudantes, terminados os seus cursos, quebrados os frágeis laços que os ligavam à sua escola, não mais são chamados a colaborar com elas. O público desconhece o seu labor, ignora a utilidade prática destas dispendiosas fábricas de doutores e aspirantes a empregos do Estado, não compreende a necessidade de tais instituïções nem vê em que é que elas contribuem para o bem estar colectivo, para o progresso da grei. ¡E ainda nos admiramos da deprimente falta de consideração, da atmosfera de frieza, por vezes de mal disfarçada hostilidade, que envolve as nossas Universidades! Recordo-me que por ocasião de uma das primeiras tentativas de equiparação de vencimentos em Portugal, tinha-se assinalado no projecto, para os professores universitários uma categoria inferior aos primeiros oficiais dos ministérios; os primeiros assistentes deviam ficar abaixo dos chefes de pes-

soal menor e os segundos assistentes nem mesmo atingiam a craveira dos correios de ministros!

Pois bem! E' necessário pôr côbro a êste lamentável estado de coisas. As nossas Universidades precisam de conquistar um prestígio análogo àquele de que gosam as suas congéneres da Inglaterra e da Alemanha. Mas para isso é indispensável que — além da sua missão de investigação scientífica e de educação intra-escolar — venham ao encontro das aspirações populares e realizem uma obra de cultura, de extensão universitária, susceptível de ser compreendida e assimilada pelo povo.

A Universidade Livre propõe-se ser o traço de união entre as camadas populares e a velha e gloriosa Universidade de Coimbra. Precisamos da sua colaboração, do seu apoio, dos seus sábios conselhos. Utilizemos os enormes recursos em material didáctico e em pessoal docente de que a Universidade pode dispôr, em benefício de uma vasta obra de cultura e de remodelação mental da nossa grei.

Fora do terreno em que se degladiam as classes, alheios às pugnas políticas e às dissensões religiosas, procuremos realizar uma obra elevada em que todos possam colaborar independentemente de suas crenças e opiniões; uma obra que a todos interesse — às classes dominantes que hão-de ser necessariamente as primeiras víctimas da incultura das massas, da sua animadversão pelos intelectuais e dêsse ódio de classe que com uma pasmosa inconsciência temos vindo deixando alastrar; ao operariado que nenhum edifício perdurável poderá erguer sem o concurso da Razão, que não poderá assentar as novas instituïções que nos anuncia em alicerces argamassados com o sangue de víctimas inutilmente sacrificadas em holocausto ao espírito de vindicta.

¡Moços das escolas e moços das oficinas, peitos generosos e sãos, superabundantes de energias, pelo mundo errando como cavaleiros andantes em busca do espírito do mal para lhe dar o bom combate, almas transbordantes de ideal e cheias de fé! ¡Dai-nos o entusiasmo da

vossa mocidade, o calor das vossas crenças, o apoio da vossa solidariedade!

E vós outros, ¡ homens ponderados e calmos, que ides, como eu, descendo da montanha da vida a encosta mais triste e sombria! se vos foi dada neste mundo a alegria inegualável de ter filhos — êsses sonhos que se fizeram carne, êsses beijos que floriram e frutificaram — vinde, *por êles*, colocar-vos ao nosso lado, ajudar-nos de vossos experientes conselhos.

É aqui o vosso lugar, à sombra da bandeira imaculadamente branca da tolerância, neste acampamento onde os punhos se não erguem clamando vingança e as vozes clamando víctimas, ¡ mas se estendem umas às outras as mãos fraternamente!

Disse.

UNIVERSIDADE LIVRE

(INSTITUTO DE EDUCAÇÃO POPULAR)

COIMBRA

A UNIVERSIDADE LIVRE dispõe-se a fomentar a cultura e a educação moral e social; a promover a aproximação dos trabalhadores intelectuais e manuais; a facilitar uma obra de extensão universitária. Sem preocupações de ordem política ou religiosa, a UNIVERSIDADE LIVRE, como instituto de educação popular, propõe-se ser um núcleo de acção educativa e instrutiva que não despreze nenhuma das faculdades e aptidões do ser humano como elemento são da colectividade.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Adolfo de Freitas — Empregado do Comércio
Alberto Martins de Carvalho — Estudante de Direito e Letras
Alberto da Silva Sanches — Procurador à Junta Geral do Distrito
Alcide de Oliveira — Capitão do Exército
Alvaro Viana de Lemos — Professor da Escola Normal Primária
António de Sousa — Estudante de Direito
Dr. Aurélio Quintanilha — Assistente da Faculdade de Sciências
Darwin Castelhano — Mecânico
Floro Henriques — Vereador do pelouro da instrução da Câmara de Coimbra
Dr. Joaquim de Carvalho — Lente da Faculdade de Letras
J. Almeida Costa — Professor primário e estudante de Letras
Dr. Manuel dos Reis — Assistente da Faculdade de Sciências
Tomás da Fonseca — Professor da Escola Normal Primária